

Rubem
Braga

DN 8.6.69
DN 18.8.69
FLV, nov. 80
RN 47
"Rec Prim"

O colégio de tia Gracinha

ACORDO cedo, nesta chuvosa manhã de março, para ir à missa na cidade. Parentes que vivem no Rio, mas não vejo nunca, me avisaram pelo telefone: se estivesse viva, tia Gracinha estaria fazendo cem anos hoje.

Sou homem de nenhuma religião e pouca missa, mas a essa não faltarei. Tia Gracinha, cujo nome ficou no "Grupo Escolar Graça Guárdia", de Cachoeiro de Itapemirim, era irmã de minha avó materna, mas tão mais môça que a tratava de mãe. Eu era certamente menino quando ela e o tio Guárdia — um simpático espanhol de cavanhaque, que fôra piloto e poeta em sua terra — saíram de Cachoeiro para o Rio. Assim, tenho do colégio de tia Gracinha uma recordação em que não sei o que é lembrança minha mesmo e lembrança de conversas que ouvi menino.

Lembro-me sobretudo do pomar e do jardim do colégio, e imagino ver môças de roupas antigas cuidando das plantas. O colégio era de môças. Elas não aprendiam datilografia nem taquigrafia, pois o tempo era de pouca máquina e nenhuma pressa. Môças não trabalhavam fora. As famílias de Cachoeiro e de muitas outras cidades do Espírito Santo mandavam suas adolescentes para ali; muitas eram filhas de fazendeiros. Recebiam instrução geral, uma espécie de curso primário reforçado; o mais eram prendas domésticas, trabalhos caseiros e graças especiais: bordados, francês, piano...

A carreira de tôda môça era casar, e no colégio de tia Gracinha elas aprendiam boas maneiras. Levavam, depois, para as casas de seus pais e seus maridos, uma porção de noções úteis de higiene e de trabalhos domésticos e muitas finuras que lhes davam certa superioridade sôbre os homens de seu

tempo, pequenas etiquetas que elas iam impondo suavemente, e transmitiriam às suas filhas. Muitas centenas de lares ganharam, graças ao colégio de tia Gracinha, a melhoria burguesa, dêsse costumes mais finos. Eu me represento a educação de tia Gracinha pela doçura e delicadeza de duas de suas alunas — minha saudosa irmã e madrinha Carmozina e minha prima Noemita.

Tudo o que será risível, aos olhos das môças de hoje; mas a verdade é que, o colégio de tia Gracinha dava às môças de então a educação que elas precisavam para viver sua vida — não apenas o essencial, mas muito do que, sendo supérfluo e superior ao ambiente, era, por isso mesmo, de certo modo funcional — pois a função do colégio era uma certa elevação espiritual do meio a que servia. Tia Gracinha era bem o que se podia chamar uma educadora.

Lembro-a na casa de Vila Isabel onde vivia com o marido, a filha, genro, netos, a irmã Ana que ela chamava de mãe e que para nós era a Vovó Donana, a sogra de idade imemorial, que, à fôrça de ser *abuelita* acabara sendo para nós todos "Vovó Bolita". Tinha nostalgia, talvez, de seu tempo de educadora, de seu belo colégio com pomar às margens do córrego Amarelo; lembro-me de que uma vez me pediu algum livro que explicasse os novos sistemas de educação, o método de ensinar a ler sem soletrar — e me fez essa indagação a que eu jamais poderia responder: "e piano, como é que se ensina piano, hoje?"

Gostava de seu piano. Mário Azevedo até hoje sabe tocar uma de suas composições, feitas lá em Cachoeiro, uma pequena valsa cheia de graça, finura e melancolia — parecida com a alma de tia Gracinha.

476 - 9.4.60